

Eucaris a dos olhos doces e Nicanor, o herói: anos de formação de Dalton Trevisan

p. 68 - 75

Helena de Oliveira Andrade¹

Cláudia Camardella Rio Doce²

Resumo

A partir da década de 40, houve um número significativo de revistas que alteraram o aspecto literário no cenário brasileiro pós-guerra. Os periódicos são de muita importância para a compreensão de determinada época, porque ao mesmo tempo em que mostram as várias correntes literárias, experimentam novas idéias e formas de pensamento. Centramo-nos na mais representativa do período no Paraná: *Joaquim*. Ela é tida como porta-voz de uma geração de autores e críticos que, consagrados posteriormente, ali iniciaram suas carreiras. Selecionamos e analisamos dois contos desta revista intitulados: “Eucaris a dos olhos doces” e “Nicanor, o herói”, com a intenção de compreender aspectos estruturais e os possíveis efeitos dessas narrativas do contista Dalton Trevisan. Ele foi o principal contribuidor do periódico em questão, uma vez que, além de seu fundador e diretor, publicou em suas páginas suas primeiras criações literárias. Para o presente estudo, além da pesquisa no periódico mencionado, foram feitas leituras de teorias do conto e de obras determinadas de autores como Edgar Allan Poe e Manuel Bandeira, aludidos nos contos selecionados. Com isso, analisamos a estrutura dos contos selecionados, bem como a inserção dos ideais de modernidade no cenário paranaense através dos textos do escritor curitibano. E também evidenciamos, por meio do diálogo presente nos dois contos, uma das características pertinentes à sua obra: a repetição.

Palavras -Chave: Conto contemporâneo; Dalton Trevisan; periódico literário; Joaquim.

Abstract

Since the 1940's, there has been a significant number of publications that modified the literary aspect within the Brazilian post-war scenery. Journals are very important for the understanding of a particular period because as they show the various literary currents, they also experiment new ideas and forms of thought. This study focuses in the most representative of the post-war period in the state of Paraná: *Joaquim*. It is conceived as the mouthpiece of a generation of authors and critics, who although consecrated later, began their careers with this journal. Two short stories were selected from the journal: “Eucaris, the one with the sweet eyes” and “Nicanor, the hero” and were analyzed to understand the structural aspects and the positive effects of the narratives of the short story teller Dalton Trevisan. He was the main contributor of the journal because besides being its founder and director, he published his first literary creations in the journal. For the present study, it was considered the research of the above-mentioned journal, theoretical readings related to short stories and readings of authors like Edgar Allan Poe and Manuel Bandeira, both mentioned in the selected short stories, for the analysis of the structure

1 Graduada em Letras Português e Literatura Portuguesa da Universidade Estadual do Centro-Oeste e bolsista do grupo PET-Letras. E-mail: helena1121_@hotmail.com

2 Doutora em Literatura Brasileira. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: claudiariodoce@yahoo.com.

of the short stories, as well as the insertion of modernity within the Paraná state scenery through the texts of this curitibano writer. It was possible to notice throughout the dialog in the two short stories, one of the relevant characteristics of Trevisan's work: the repetition.

Keywords: contemporary short story; Dalton Trevisan; literary journal; Joaquim.

Na década de 1940 entra em cena um jovem escritor, causando estranheza ao pacato estado do Paraná. Dalton Jerson Trevisan nasceu em Curitiba no ano de 1925, estudante de direito, começava a incomodar com sua escrita áspera ao falar de temas que causam choque ao público. Sua narrativa converte-se em denúncia da hipocrisia patética que se aninha nas relações entre os seres humanos em luta pela vida (ZANCHET, 2007). O autor elege como seus personagens pessoas simples, do cotidiano, quase sempre de classe média baixa que beiram o anonimato, embora muitas vezes aborde o burguês decadente, seja moral, seja financeiramente. São personagens sufocados pelo mundo, que através de seus atos, extremos, exteriorizam sentimentos e não dele escapam velhos, adultos, jovens ou crianças.

Preside a obra de Dalton, um desejo de desmistificar o mundo pequeno no burguês, seus mitos e signos, nos foi dado observar que não são gratuitos certos procedimentos ou “manobras estilísticas” do autor. Não diremos que haja completa lucidez por parte do autor dos expedientes empregados, de sua ideologia, uma vez que a ação ideológica dos discursos tem relação também como inconsciente (FERREIRA, *apud* VILÇA, 1984).

Trevisan é um dos melhores escritores que retratam a sociedade com sarcasmo e ironia, sempre salientando a falta de identidade e incoerência que o ser humano possui. Ele descreve a sociedade decadente e vê como ela é, sem máscaras, com total realismo, ou seja, o narrador é numa espécie de espectador que depois tem o papel de confidenciar as histórias ao leitor.

Possui uma vasta obra literária, dentre seus principais livros estão: *Novelas nada exemplares*

(1959), *O vampiro de Curitiba* (1965), *O pássaro de cinco asas* (1974), *A Polaquinha* (1985), *Em busca de Curitiba perdida* (1992), mas foi por meio da revista *Joaquim* que o seu reconhecimento começou.

Em meados da década de 1940 nasce a revista *Joaquim* com a direção e produção de Dalton Trevisan. Era um projeto individual que contava com a participação de amigos, o autor “foi como uma ponte entre escritores que não tinham muito contato mas que atuavam naquela época” (SANCHES NETO, 1998). Assim, surgiu a revista “para todos os Joaquina do Brasil” que tinha como objetivo juntar toda a produção tanto de jovens quanto de consagrados escritores que estavam produzindo naquele momento. Era uma produção diversificada, heterogênea, mas em prol de uma renovação. Uma revista que não queria apenas fixar-se como regionalista, mas sim com ideias universais. O público almejado era o leitor comum, e não apenas um restrito grupo elitista. Possuía o espírito de reconstrução do modernismo que foi apagado. Uma mistura de literatura e artes plásticas, tendo como grande representante desta última Poty, que ilustrava os contos de Trevisan e algumas capas. A publicação contava ainda com a colaboração de Portinari, Di Cavalcanti, entre outros, além das grandes contribuições de escritores consagrados como Carlos Drummond, Vinicius de Moraes, Mário de Andrade.

Dalton Trevisan procurou Erasmo Pilotto, propondo-lhe o plano de criar uma revista [...]. Erasmo Pilotto acatou com simpatia a ideia. Ambos se reuniram em casa do professor Erasmo [...]. Como se vê, a revista não surgiu de um grupo mas de uma ideia de Dalton, cuja experiência de literato teve início com o jornal *Tingüi*. Do *Tingüi* amadureceu a ideia *Joaquim* [...] Foram buscar Antônio Walger, antigo colaborador, e formaram, assim,

a direção da revista [...]. Não partindo de um grupo, as produções não aglutinaram, eram realizadas individualmente e, se eram discutidas, o eram rapidamente, no local já citado ou no atelier de Guido Viário. (MWAYS *apud* NETO, 1997, p. 71-72).

Nesta época a literatura paranaense se encontrava muito presa aos simbolistas, pois no estado não houve, como nas grandes metrópoles, o impacto do modernismo revolucionário de 22. Assim, a revista *Joaquim* serviu de laboratório e estréia dos contos de Dalton Trevisan ao mesmo tempo em que editava seus textos; colhia ensaios de teóricos como: Wilson Martins, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, entre outros; publicava textos de escritores consagrados como: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Temístocles Linhares, etc, se mostrava ao mundo das letras. Não podemos dizer que foi somente esta produção que tornou o escritor conhecido, mas com certeza o ajudou a se firmar como tal, no meio literário.

O conto “Eucaris a dos olhos doces” é a história de um jovem, Luiz, que numa noite está lembrando seu passado, de quando era pequeno e tinha uma namoradinha chamada Eucaris, e de como recebeu a notícia de que sua amada havia morrido de tifo. Em meio ao desamparo da situação, não se conformando e não entendendo a situação, senta num degrau em frente à porta e pede para que o “colvo” o leve. Ele tenta inúmeras vezes lembrar do rosto de Eucaris, mas não consegue e nisso começa a ter delírios, vê fantasmas e, enfim, a figura dela. Ao deparar-se com esta situação fica com temor e sai correndo afirmando ser um Homem. Ele foge como uma criança assustada. E quando chega a um boteco pede um trago para esquecer. Com essa atitude o personagem demonstra não ter superado, embora adulto, a perda de sua amada na infância e se vê desorientado em seus atos, infeliz diante das circunstâncias da vida, ou seja, essa

situação desencadeada no passado irá refletir-se no comportamento futuro do protagonista.

Luiz vive num mundo imaginário, como se por algum motivo fosse impossibilitado de viver no mundo palpável, motivo que se explica pela perda de sua namorada na infância, o personagem não superou seu passado. Ele deixa de viver a realidade, mas ao mesmo tempo quer ser uma pessoa comum e repete “É um homem [...]” (JOAQUIM, 1946, p. 13), diz ser um homem, contudo traz consigo aquela criancinha traumatizada.

A estrutura presente neste conto se diferencia em alguns aspectos das tradicionais; o tom de melancolia, solidão e falta de mobilidade diante da vida permanece o mesmo em toda a narrativa, não há uma modificação no seu decorrer. Apesar da melancolia não há um desencadeamento de acontecimentos que gera um ápice na narrativa. Ela permanece sempre em um mesmo tom, isto é, não há presença de clímax na história.

Se os contos tradicionais costumam apresentar unidade de ação, de tempo, de espaço, no caso em questão isso não é observado, assim o espaço não é explorado, sabemos apenas que o personagem está lembrando seu passado, mas não é determinado esse lugar, somente no final do conto há uma situação na rua. Não há uma unidade de ação no conto, não podemos identificar uma ação principal que desencadeia toda a narrativa, apenas a lembrança da morte de Eucaris.

[...] ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz que retomar, no plano da técnica, de caracterização, a maneira fragmentaria, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de

gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. (CANDIDO, 1972, p. 58).

O personagem deste conto se apresenta de uma maneira fragmentada, ele é um Homem, mas ao mesmo tempo permanece a criança do passado, ele não consegue se conectar com o mundo real, vive de conflitos interiores desencadeados daquele primeiro conflito: a morte de Eucaris.

O enredo desse conto não se apresenta como essencial, mas a mensagem que ele traz: o desamparo das pessoas diante da morte, a história vai acontecendo e não há um desenrolar. Esta história está mais preocupada em demonstrar a maneira como a personagem reage a uma determinada situação diante da vida. Situação essa que poderia ser vivida por qualquer um de nós.

Esta história faz intertextualidade com o poema “O corvo” de Edgar Allan Poe (1809-1849). Ao explicar de que forma elaborou o poema, que se tornou famoso, Poe escreveu que a técnica literária é adquirida pelo escritor por meio de disciplina, trabalho e racionalidade.

O poema “O corvo” segue toda essa teoria que Poe construiu em torno de questões estruturais e que se tornaram “tradicionais”: apresenta começo meio e fim, clímax, unidade de ação, tempo e espaço, determinação do tom e ritmo narrativos com a finalidade de provocar um efeito determinado no leitor, etc. A preocupação com recursos literários estruturais e um personagem que possui suas convicções, que observamos nos textos de Poe, não podem ser observados nos contos Daltonianos. Em “O Corvo” o eu - lírico tem devaneios, chora e expressa a falta da amada “Lenor” que está morta, nisto vem um corvo e, com suas asas, bate a porta e depois a janela, e sobre a estátua de Minerva ele pousa. Causando, assim, terror ao personagem, que associa à figura do corvo a maldição. Este animal vem lembrar ao

protagonista que ele nunca mais verá sua amada.

Diferentemente do poema de Poe, no conto de Trevisan percebemos, no personagem, uma figura fragmentada, no sentido de que ele é várias pessoas ao mesmo tempo: a criança daquele acontecimento passado e um jovem que quer se sentir Homem, mesmo que ainda o passado o assombre. Perspectivas diversas que não possuímos na história do namorado de Lenor. Esta característica é marcante na literatura moderna, por representar o homem e suas incertezas geradas pelas duas grandes Guerras Mundiais. Assim, a narrativa se distancia dos propósitos descritos por Poe, do essencial numa narrativa curta. Também há a diferença dos dois narradores, enquanto em “O corvo” o narrador-personagem relata sua história, e por ser um personagem em primeira pessoa nos convence, faz acreditar que as circunstâncias que está passando são reais, no conto de Trevisan, em contrapartida, o narrador está em terceira pessoa, mas em certos momentos sua fala e a do personagem se mesclam, confundindo o leitor. Essa é uma característica do narrador que Frideman classifica como onisciência seletiva.

[...] apenas trata-se de uma só personagem e não de muitas. É como no caso do NARRADOR-PROTAGONISTA, a limitação a um centro fixo. O ângulo é central, e os canais são limitados aos sentimentos, pensamentos e percepções da personagem central, sendo mostrados diretamente. (FRIDEMAN *apud* LEITE, 19, p. 55).

Esse conto não apresenta uma estrutura tradicional de narrativa curta, mas procura, através de sua forma, explorar como cada pessoa reage de uma maneira diferente a certos problemas que acontecem no decorrer de suas vidas. Isso pode acarretar consequências, que no caso do personagem, marcou toda a sua vida. A não adequação à estrutura do conto tradicional pode indicar, talvez, como este personagem se vê perdido em relação ao mundo espelhando,

estruturalmente, esse desconcerto do personagem.

No segundo conto selecionado, “Nicanor, o herói”, é relatada a história do jovem poeta Nicanor que é apaixonado platonicamente por uma mulher. Ele é a figura típica de um poeta romântico: magro, branco, idealizando cenas com sua amada, cenas que por sua vez não passavam de pura imaginação, pois eles nunca tiveram contato. Em certo momento, quando estava na praça, refúgio de seus pensamentos, um jornal voou em seus pés. Nele havia uma nota dizendo que Alice Neves (sua deusa) iria se casar. Não agüentado a situação, Nicanor se joga do quarto andar de um prédio, mas nem mesmo sua tragédia particular e romântica comove a sociedade. Assim, o policial que vai averiguar o corpo vê uma carta deixada pelo personagem, lê Nacanor em vez de Nicanor, mostrando sua insignificância diante do mundo.

Este personagem é o retrato de um homem que vive de suas fantasias, ele não vive da realidade e, por isso, é colocado como uma pessoa sensível, que não suporta as imposições da sociedade, como no conto anterior. Estes dois personagens, dos contos analisados, se veem perdidos no mundo real, e por algum motivo vivem de sonhos, se refugiam de uma sociedade opressora que não os entende. Em certos momentos o narrador mostra que Nicanor tenta ser um “bruto”, mas ele não consegue, é a figura de um poeta extremamente romântico que não cabe neste mundo. Contudo, a sociedade considerada moderna já não comporta mais uma pessoa romântica, todo o pensamento moderno gira em torno da realidade, da razão, visto que para a sociedade Nicanor é tido como louco. O conto anterior e o de Nicanor demonstram, de maneiras diferentes, personagens que não se encaixam nos moldes sociais. O que segundo Bosi (1976, p.17) “faz de cada detalhe um índice do extremo desamparo e da extrema

crueldade que rege os destinos do homem sem nome na sociedade moderna”.

Outro é o sentido de concisão nas histórias de Dalton Trevisan. Aqui, a obsessão do essencial parece beirar a crônica, mas dela se afasta pelo tom pungente ou grotesco que preside à sucessão das frases, e faz de cada detalhe um índice do extremo desamparo e da extrema crueldade que rege os destinos do homem sem nome na sociedade moderna. (BOSI, 1976, p.17)

A temática do homem que se vê desamparado em meio a uma sociedade individualista e opressora é abordado por escritores modernos, eles tentam mostrar a realidade de uma metrópole, os problemas enfrentados nela e a anulação das pessoas, como diz Baudelaire, diante das multidões. Estes personagens vivenciam a experiência da frustração no amor, temática presente na maioria dos contos de Dalton Trevisan.

Além disso, é notável o intertexto com a temática do poema “O amor, a poesia, as viagens”³ do escritor Manuel Bandeira, uma quadrinha que se encontra no livro *Estrela da Manhã*. Bandeira foi considerado um dos escritores mais importantes do modernismo brasileiro, criando um estilo de escrita inconfundível, único. Voltando ao poema, as palavras que compõe o título são: o amor, a poesia, as viagens. À primeira palavra podemos relacionar a história de Nicanor, um amor impossível que rege sua vida o deixando alheio ao mundo. O personagem é um homem que ama platonicamente, é um irreparável romântico que sente as consequências desse comportamento numa sociedade conduzida pela razão.

A segunda palavra se refere à poesia. Nicanor tentava ser um poeta, tossia para imitar a fragilidade física dos românticos. Poesia é a essências das coisas, poucas pessoas a conseguem enxergar. Uma conquista muito importante que se iniciou com os românticos, e se acentuou com

3 Atirei um céu aberto/ Na janela de meu bem: / Caí na Lapa – um deserto... / - Pará, capital Belém.

o Modernismo, foi a busca da poesia nas coisas mais efêmeras, cotidianas, comuns. Nicanor como poeta (ou ironicamente tentativa de um) tem essa essência que a sociedade movida pela razão não enxerga, o subjetivismo presente no personagem é visto como loucura.

Com referência à última palavra, “as viagens”, do poema mencionado, temos uma citação explícita no conto de Trevisan quando o narrador faz o seguinte comentário: “Em vez de ir-se embora, Pará, capital Belém” (JOAQUIM, 1946, p. 08, n.º. 6). Bandeira, como sabemos, tinha como uma de suas temáticas a busca por um lugar onde não se sofresse com a constante figura da morte. Podemos associar essa idéia à vontade do narrador do conto de Trevisan, como se “Pará, capital Belém” representasse a felicidade e a realização que o personagem tanto procura. O verso demonstra toda a necessidade que Nicanor tem de realizar-se em liberdade, ter a sua amada sem constrangimentos. Mas, no entanto, existindo no plano da idealização amorosa, essa realização termina por inibir a ação do personagem. Isto é, Belém seria tão irreal quanto Pasárgada.

A estrutura deste conto apresenta-se de maneira semelhante ao conto anterior, isto é, a narrativa não segue a ordem de começo, meio e fim. Ao invés de um final conclusivo, este apresenta-se de maneira insignificante, aparentando não ser sequer o final da história. Cabe ao leitor imaginar como ele se daria. Também, podemos perceber a semelhança com o conto anterior em relação ao foco narrativo, este se apresenta como onisciência seletiva. Com isso, muitas das vezes a voz do narrador se funde com a do personagem, mostrando seus sentimentos mais íntimos.

Dalton Trevisan, também, usa da repetição de situações como se uma completasse o sentido da outra mas que, no fundo, sempre retratam o mesmo: a incompatibilidade de seus personagens com o mundo, isto é, ele usa do diálogo e da

intertextualidade para passar o sentido de que tudo se repete, as situações vividas são sempre as mesmas, que segundo Waldman.

tanto no nível das personagens que se repetem (João e Maria), das situações vividas, das narrativas que retomam o mesmo fio, como também o nível da construção da linguagem onde a voz do narrador e das personagens vão se interpenetrando, forjando a construção de um espaço híbrido a partir do qual o leitor já não distingue quem é que fala. (WALDMAN, 1989, p. VIII)

Situação que encontramos nos dois contos selecionados. No primeiro (Eucaris a dos olhos doces) há uma fala do personagem Luis: “[...] - Garçon, um trago para esquecer...” (JOAQUIM, 1946, p. 13, n.º. 1). Esta fala faz diálogo com o conto seguinte “Nicanor, o herói” ao qual o personagem faz a seguinte alusão: “Garçon, mais um trago...” (JOAQUIM, 1946, p. 8, n.º. 6). Deste modo, podemos perceber que não é apenas uma coincidência dos diálogos e a intertextualidade presente em seus contos. Os diálogos seriam as repetições, a monotonia de uma sociedade que não muda e que o contista retrata, ou melhor, segundo (WALDMAN, 1989, p. 1) seria uma “História que se repete na outra, busca que progride e não avança, história que se procura a si mesma”. A outra questão, seria a intertextualidade presente em seus textos, formando uma construção do discurso, dando um sentido a mais, pois o autor, buscando referências, conseqüentemente está buscando raízes que explicam muito de sua obra.

Esses contos colocam em prática as ideias que Trevisan defendia na revista *Joaquim*, para ele não importa se a estrutura de seu conto tem começo meio e fim, mas sim se ela causa impacto no leitor, deixando-o atônito diante da realidade exposta.

Mesmo sem seguir a teoria narrativa proposta por Poe, observamos, à medida que fomos analisando os dois contos de Dalton Trevisan, como suas ideias de modernidade estão

presentes na obra sua obra, uma vez que, segundo Santaella.

é em Poe que se origina aquilo que Walter Benjamin, mais tarde, chamaria de “estética do choque”, iminência do abismo, característica da consciência da modernidade. A solidão experimentada em meio à multidão, o perigo empreitando a cada amanhecer, a vida urbana caracterizada pela colisão de sensações fragmentárias e descontínuas, a mecanização da existência, enfim, essa nova bela feiúra das “flores do mal”, que muitos críticos, na esteira de Lukács, vêem como indicadora da degeneração sob o efeito do capitalismo. (SANTAELLA, 1984, p. 149)

Sua temática tem muito dessa modernidade que, embora universal, pertence também ao cotidiano, que aos olhos das pessoas comuns não é poesia.

Após uma análise um pouco mais aprofundada, podemos evidenciar duas coisas relevantes em relação aos contos citados acima: a repetição de situações em seus contos como maneira de demonstrar uma sociedade que oprime seus personagens e, a introdução da ideia de modernidade no cenário literário paranaense. Dalton Trevisan marcou o gênero do conto não só por ousar modificar sua estrutura, mas também por conseguir, em poucas linhas, retratar uma sociedade sufocada por duas grandes Guerras Mundiais.

Os aspectos como: a maneira diferente da estrutura de seus contos, a presença constante de um tipo de narrador, a presença da intertextualidade e diálogos com seus textos; resultaram numa maneira de melhor entender a ideia que Dalton Trevisan propagou nos dois anos da revista.

O pensamento de modernidade não está apenas adepto nas páginas de ensaios, textos, etc, na revista, mas também em seus contos. Podemos verificar isso nos dois que foram apresentados acima, nos quais há um distanciamento das teorias da narrativa, o enredo é apresentado

de uma maneira mais simples e há uma maior complexidade das personagens. O contista não nega a teoria, apenas demonstra que há inúmeras maneiras de escrever. Isto demonstra que Trevisan compartilhou suas ideias, não apenas em seus ensaios e críticas, mas também em seus contos, deixando que eles próprios tivessem o papel de difundi-las.

Não podemos deixar de observar que, mesmo os contos posteriores aos analisados, se apresentam de uma maneira muito semelhante com os do início de sua carreira, assim, segundo Waldman (1989), o escritor curitibano se repete, fazendo de sua escrita um círculo, demonstrando ser uma característica pertinente em sua obra. Ele se mantém fiel a sua maneira de escrever, fiel ao seu estilo. Isso nos lembra o escritor argentino Borges, que uma vez disse de sua obra “O que significa ser escritor para mim? Significa simplesmente ser fiel a minha imaginação” (BORGES, 2000, p.118).

Referências

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das letras, 2000, p. 118.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Emílio S.; PRADO, Décio de A.; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BANDEIRA, Manuel. E-book. **Estrela da manhã**. Disponível no site http://books.google.com/books?id=MK_JU70yulwC&printsec=frontcover&dq=estrela+da+manha&hl=ptBR&cd=1#v=onepage&q=estrela%20da%20manha&f=false Acesso em Janeiro de 2010.

BOSI, Alfredo. E-book. **O conto contemporâneo**. Disponível no site <http://books.google.com/books?id=w4QHsS2UtEkC&printsec=frontcover&dq=o+conto+contemporaneo&hl=>

pt-BR&cd=1#v=onepage&q=&f=false> Acesso em novembro de 2009.

GOMES, A. C; VECHI, C. A. (orgs.). **Dalton Trevisan**. São Paulo: Abril educação, 1981.

GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2003.

Joaquim. Nº 1 - 21. Curitiba, abril de 1946 a dezembro de 1948. Edição fac-similar.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). 3. ed.rev. São Paulo: Globo, 1999.

SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província**: a revista Joaquim e o espaço de estréia de Dalton Trevisan. Campinas, 1998. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1998.

VILLAÇA, N. **Cemitério de mitos** – Uma leitura de Dalton Trevisan. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ZANCHET, Maria Beatriz. Dalton Trevisan e a demolição dos mitos In: **Sabor e Saber: o lugar do conto na escola**. Foz do Iguaçu: Parque, 2007.

WALDMAN, Berta. **Do vampiro ao cafajeste**. Uma leitura da obra de Dalton Trevisan. São Paulo/Curitiba, Hucitec/Secretaria da Cultura do Governo do estado do Paraná, 1982.

Artigo enviado em: 30/07/2010

Aceite em: 10/08/2010